

A migração e a sala de aula: fragilizando barreiras entre pesquisa e ensino

*Fernando Vojniak**

RENK, Arlene. **Migrações**: de ontem e de hoje. Chapecó: Grifos, 1999, p. 88.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000, p. 84.

Lançadas recentemente, as publicações aqui resenhadas trazem em seu âmago, coincidentemente, a migração como problema e oferecem ao público olhares sobre a sua história em Santa Catarina em versões paradidáticas, aproximando a academia e a escola.

Arlene Renk é doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro e professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina. Entre outros trabalhos publicou: *A luta da erva* (1997), *Dicionário nada convencional* (2000) e *Sociodicéia às Avessas* (2000).

* Mestrando em História - UFSC, bolsista CAPES.

Esta autora é conhecida pela sua preocupação com a história de pessoas “simples” e com a busca de uma aproximação entre a universidade e a comunidade. Com *Migrações*¹ não poderia ser diferente: o livro é o primeiro de uma série de paradidáticos e corresponde a essas questões.

Maria Bernardete Ramos Flores é professora da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do CNPq. Publicou: *A farra do boi – palavras, sentidos, ficções* (1997) e *Oktoberfest – cultura, festa e turismo* (1997) e organizou recentemente com Élio Serpa e Heloisa Paulo o livro *O beijo através do atlântico* pela Editora Argos, além de vários artigos nacionais e internacionais. *Povoadores da Fronteira*², fruto de um trabalho de pesquisa realizado pela autora nos Açores em 1999 e que contou com o apoio financeiro do governo daquele arquipélago, vai ao encontro de seu trabalho dedicado ao estudo da história da cultura e da vida cotidiana.

De longa data percebemos a preocupação em torno da transposição de barreiras existentes entre a pesquisa e o ensino. Nesse sentido, os trabalhos de Arlene Renk e Maria Bernardete Ramos Flores conseguem estabelecer uma ligação entre a pesquisa universitária e a sala de aula, pois caracterizam-se por exibir uma linguagem “acessível”, mas não deixando de tocar em questões complexas que concernem esta problemática. As autoras percorrem um caminho onde personagens não privilegiados pela história tradicional ganham vida, vão além de questões meramente políticas em que os “grandes feitos” dos “grandes homens” estão no centro das atenções, permeando as páginas da história. A história oficial utilitarista, tão presente nos livros didáticos, é vergastada automaticamente pela postura e pela narrativa dessas obras. Renk e Flores trazem à tona uma visão “de baixo”, com uma gama ampla e diversificada de fontes e documentos, além de ilustrações singulares e estimulantes.

Em *Migrações*, Arlene Renk percorre a história do Oeste Catarinense pelo viés do deslocamento ou da migração de grupos étnicos e famílias, em diversas temporalidades, na busca pela terra ou pela sobrevivência desde os primeiros contatos dos “caras-pálidas” com aquela região por volta de 1840 até os nossos dias, explicitando conflitos étnicos, disputas de poder, (re)elaborações culturais e étnicas. Discussões de autores como Pierre Bourdieu so-

bre identidade, uma temática atual, polêmica e emética, são elucidadas pela autora, através da análise das experiências vivenciadas no conflito estabelecido a partir da colonização entre os “brasileiros”³ e os “colonos de origem”⁴. Baseada, principalmente em depoimentos orais, artigos de jornais e fontes iconográficas, ela dá visibilidade a discussões atuais como o problema da ocupação da terra, histórias de vida, gênero e colonização. É clara a sua preocupação em instigar o leitor a desenvolver um olhar crítico em torno da história na qual está inserido, bem como apresentar uma narrativa envolvente e gostosa, com ilustrações divertidas e sagazes.

A história do Brasil, assim como a do Oeste Catarinense, é repleta de casos de expropriação da terra. Renk recria uma versão da história do Oeste Catarinense retratando diversos casos de expropriação e de dificuldade de sobreviver no meio rural, que impulsiona os sujeitos a procurar novas alternativas de sobrevivência. Sendo assim, a migração dos índios – principalmente os Kaingang⁵ – dos *brasileiros* e dos *colonos de origem*, em busca dessas alternativas, é narrada pela autora com um olhar crítico e incitante.

Povoadores da Fronteira é uma história da emigração dos casais que habitavam as diversas ilhas do arquipélago dos Açores. Esses casais, em meados do século XVIII, partiram, principalmente para o Brasil, e em especial para o Sul do país e ilha de Santa Catarina, atravessando o Atlântico numa viagem de três meses em média, à procura de riquezas ou simplesmente de melhores condições de vida.

Maria Bernardete narra essa história apresentando uma linguagem afável e convidativa, propícia para uma inserção do leitor nos acontecimentos, indo ao encontro de uma dinâmica adequada ao ensino de história sem comprometer o rigor do trabalho, pormenorizando suas fontes e apresentando ilustrações e mapas. A autora analisa a política demográfica no antigo regime, a política de povoamento e a exploração econômica. As promessas não cumpridas pela metrópole portuguesa quando da chegada dos casais açorianos em Santa Catarina, as doenças e mortes ocorridas durante a viagem, bem como as dificuldades de instalação e o laborioso trabalho nos assentamentos, transparece em sua exposição de forma crítica e eloqüente. As discussões deste livro são finalizadas – talvez

“finalizadas” não seria a melhor palavra para referir-se ao último capítulo do livro, uma vez que a autora abre várias possibilidades de discussão (e de sua continuidade) em torno de seu objeto – com uma reflexão sobre a festa de comemoração do Segundo Centenário da Colonização Açoriana em Santa Catarina, em 1948, e suas interpretações e uma análise sobre questões atuais, diretamente ligadas à colonização açoriana, assim como outras histórias de colonização tão presentes na história de Santa Catarina (colonização alemã, italiana, eslava, etc.). Sabe-se que o estado de Santa Catarina, e igualmente o Brasil, são um verdadeiro mosaico étnico-cultural. Nesse sentido a autora questiona o fato de alguns políticos e intelectuais esforçarem-se no intento de representar o estado “vestido de brasilidade”, questiona ainda o processo nacionalizador de homogeneização cultural luso-brasileira e examina a exploração cultural e turística das festas, da cultura e da geografia em Santa Catarina.

Os presentes trabalhos são indicados para professores e professoras de ensino fundamental e médio, principalmente na disciplina de História de Santa Catarina, além de alunos e alunas de cursos superiores em História e Antropologia.

Há inúmeros problemas de ordem metodológica, teórica e estrutural no ensino fundamental e médio; afora a responsabilidade do Estado (entendemos que este é o responsável primordial), é também responsabilidade das instituições de ensino superior investir na redução desses problemas. Há muito trabalho pela frente, mas alguns já “arregaçaram as mangas”. Desse modo, creio que as publicações referidas contribuem para fragilizar, tornar tênue as barreiras entre a pesquisa e o ensino, tornando acessível a professores e alunos da rede estadual e municipal de ensino o que de melhor vem sendo pensado e produzido em nossas universidades.

Notas

1. Este livro foi editado pela Grifos (editora da UNOCHAPECÓ – Chapecó, atual Editora Argos) e faz parte da Série Paradidáticos “Cenário Regional” desenvolvida pelo Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UNOCHAPECÓ – Chapecó. A série

tem por principal objetivo subsidiar professores e alunos do Ensino Fundamental e Médio através de abordagens sobre histórias e manifestações culturais no Oeste Catarinense.

2. Editado pela Editora da UFSC, o livro faz parte da “Coleção Rebento”, uma série aberta com o livro **A Guerra do Contestado (1912-1916)** de Élio Serpa que coloca à disposição de professores e alunos uma coleção de narrativas sobre histórias de guerras, revoluções, migrações e movimentos sociais em Santa Catarina.

3. **BRASILEIROS** - Também conhecidos como caboclos, “os moradores do sertão (principalmente no oeste catarinense) entendiam que esse chão era só deles, e o chamavam de terra do Brasil, terra de Deus, e eles eram os brasileiros”. RENK, Arlene. **Dicionário nada convencional**. Chapecó: Grifos, 2000, p. 77.

4. **COLONOS DE ORIGEM** - A colonização dos imigrantes gaúchos no Oeste Catarinense representa uma ruptura, o mundo passou a dividir-se entre os “brasileiros” – categoria de auto-atribuição – ou “caboclos”, categoria estigmatizada pelos “italianos”; esses passam a ser conhecidos como os “de origem” italiana, ou alemã e assim por diante. A respeito desse assunto, para mais informações, consultar o livro “A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense”, de Arlene Renk, editado em Chapecó, SC, pela editora Grifos no ano de 1995.

5. **KAIGANG** “[...] denominação genérica de um grande número de grupos indígenas falantes de dialetos de uma mesma língua, filiados ao tronco Jê, localizados nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul bem como na província argentina de Misiones [sic]”. VEIGA, Juracilda. Revisão bibliográfica crítica sobre organização social Kaingang. In: **Para uma história do Oeste Catarinense: 10 anos de CEOM**. Chapecó: UNOESC, 1995, p. 261.